

Amizade: tema, poética e estilo em Pedro Nava e Carlos Drummond

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães¹

Resumo: A relação de amizade entre os escritores mineiros Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade, considerados modernistas, é conhecida e divulgada nas obras de ambos e nas biografias dos dois escritores. Os dois confessaram publicamente sua cumplicidade na vida e suas afinidades literárias, além de se apresentarem como leitores da obra do amigo e a divulgarem em suas criações literárias. O que se deseja, neste texto é abordar a amizade como tema presente na poética de Pedro Nava e de Carlos Drummond, evidenciada em textos literários diversos, tanto em prosa quanto em verso.

Palavras-chave: Amizade. Poética. Estilo. Pedro Nava. Carlos Drummond.

1 A AMIZADE

Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava fizeram parte do mesmo grupo literário em Belo Horizonte, quando foram jovens de 20 anos, nos anos 1920; organizaram *A Revista*, publicação que divulgou o ideário do modernismo mineiro, compartilharam leituras, tornaram-se personagens mútuos.² Esses dois autores, em entrevistas a jornais, revistas e televisão, confessaram amizade, cumplicidade e afinidades literárias. As *Memórias* de Pedro Nava são marcadas pela obra de Drummond. O memorialista transforma o poeta e sua poesia em personagens de todos os volumes de suas memórias por meio de introduções, epígrafes, citações, paráfrases, apropriação de ideias a respeito de poetas e da cultura nacional, leituras referidas e retratos selecionados.

Drummond, por sua vez, também faz de Nava personagem de sua poesia, ou de suas crônicas. *Baú de ossos*, primeiro livro da série memorialística de Nava, é dedicado a Drummond e prefaciado por ele. O texto “Baú de surpresas”, que abre a edição da obra, apresenta detalhadamente o primeiro volume e antecipa a importância de Nava para a literatura e a cultura brasileiras. Além desse prefácio, destaca-se “Pedro (múltiplo) Nava”, presente em *Viola de bolso III*, na edição de 2002, da obra *Prosa e poesia*. Drummond escreveu, ainda, a

1 Raquel Beatriz Junqueira Guimarães é professora da FAJE e da PUC Minas. Possui graduação em Letras e mestrado e doutorado em Estudos Literários. Dedicou-se aos estudos de Literatura Brasileira nos temas Memória e Leitura. No campo da poesia, dedica-se aos escritores contemporâneos. Publicou *Pedro Nava, leitor de Drummond*, pela editora Pontes, *Rastros da leitura, trilhas da Escrita*, pela RG Editores; *Literatura Marginal e sua crítica*, em co-autoria com Ivete Lara Camargos Walty, pela Hucitec; e *Espaços da memória: Leitura e ensino* com a co-autoria de Sandrelle Rodrigues de Azevedo, pela editora da UFCG. Contato: raquelbea.junqueira@gmail.com

2 Este texto recupera dois estudos realizados. Algumas reflexões estão no livro *Pedro Nava, leitor de Drummond*, de 2002, e outras são recuperadas do artigo “Drummond e seu Baú de Surpresas”, publicado na revista *Araticum*, em 2017.

crônica “Nava, saudade” e o poema “A um ausente”, publicados pela imprensa no ano da morte do memorialista.

Esses gestos criativos são forma de demonstração da afeição que une os dois escritores mineiros, a estima e dedicação recíprocas entre eles, o respeito pela obra um do outro, que transborda para a criação literária.

2 PEDRO NAVA E A IMAGEM DE DRUMMOND

As memórias de Pedro Nava são edificadas por um narrador-personagem que se apresenta, fundamentalmente, como leitor. Desde a infância, Pedro Nava se tornou um devorador de livros, de ideias, de personagens, de gravuras ao ler os volumes da “*Biblioteca Internacional de Obras Célebres*” (NAVA, 1985, p. 145).³

Esse gosto pela leitura, transforma o narrador das *Memórias* em um sujeito simbioticamente ligado, como leitor, aos textos que leu, e o faz confessar uma forma de ler, que se pode chamar de antropofágica, evidenciada na figura de Pantagruel, personagem de Rabelais:

Foi assim que eu li. Meio pantagruelicamente, muitas vezes começando pela sobremesa, acabando pela sopa; comendo peixe com vinho tinto e entornando do branco na cambulhada dos assados. Entretanto, devorando, digerindo e esquecendo. Não falo do esquecimento como perda, mas de esquecimento como assimilação. Destruição das formas oferecidas e arquivamento de suas frações nos recônditos mais profundos da memória, para a recriação de outros módulos agora nossos (NAVA, 1985, p. 243).

Esse processo de apropriação constante, aqui descrito como os passos da antropofagia cultural defendida por Oswald de Andrade (destruição das formas, arquivamento, recriação, autoria) estabelece um processo de criação que utiliza reiteradamente diferentes formas de citação.

O processo de construção da imagem do poeta Carlos Drummond de Andrade por Pedro Nava obedece, a nosso ver, a um ritual que parte da fotografia, mas para melhor delinear o personagem escritor, o memorialista recorre à obra literária do poeta, à crítica literária sobre ela e às emoções proporcionadas pela leitura.

Em *Beira-Mar*, o poeta itabirano é apresentado por Pedro Nava como aquele que lidera o grupo de amigos, principalmente no aspecto intelectual. Para completar o que o retrato oferece como imagem de Drummond, Nava faz ecoar dos livros do itabirano características que contribuem para construir a imagem decisiva do poeta: “Engana-se quem o julgar pela magreza e pelo franzino. Na realidade esse ser delgado é todo feito de *tiras de aço*, de couro, de *juntas de ferro* que servem o *homem forte* que ele é” (NAVA, 1985, p. 172). (Grifamos)

3 Também Drummond tem um poema em que informa seu contato com a mesma obra.

Esse poeta forte, de ferro, não foi desenhado, somente a partir da experiência vivida e das fotografias que dele restaram nas mãos do narrador das memórias. Também a obra do poeta ecoa insistentemente na memória do narrador-leitor. O personagem Carlos Drummond de Andrade de Pedro Nava é composto a partir da leitura dos livros do poeta.

“Poema de Sete Faces”, “Confidência do Itabirano”, e “No Meio do Caminho” são poemas que aparecem como componente fundamental no desenho desse personagem. Nos primeiros livros de Drummond, surge o poeta *gauche*, homem sério, simples e aparentemente forte, que se esconde “atrás dos óculos e do bigode”, que “quase não conversa”, homem de seletos amigos. O homem forte, sério, simples apresentado pelo narrador das *Memórias* é o mesmo *gauche* do “Poema de Sete Faces”, primeiro poema do primeiro livro de Drummond, *Alguma Poesia*.

No quarto volume das *Memórias*, Nava detalha o seu próprio perfil intelectual e o retrato intelectual e artístico daqueles com os quais conviveu na juventude. Conhece Drummond e convive com o grupo de amigos e reconhecidos artistas que lhe foram apresentados pelo Carlos. São eles: Mário de Andrade, Emílio Moura, Abgar Renault, Oswald de Andrade, Cyro dos Anjos, Ascânio Lopes, Martins de Almeida, Tarsila do Amaral, Blaise Cendrars, entre outros.

A poesia de Drummond, inicialmente considerada por Nava inferior à prosa, ganha o respeito de todos do Grupo do Estrela e será, sempre, muito aplaudida. Nas *Memórias*, Nava utiliza adjetivos encomiásticos, marcados em letras destacadas para caracterizar a obra do poeta de Itabira:

Nasceram com suas produções mais remotas sua indagação diante do insondável, o sentido dramático, o suspense desta poesia

PUNGENTE	LÍRICA	ÉPICA
TEATRAL	DURADOURA	MEDIDA
HUMOURÍSTICA	PERDURÁVEL	PROVOCANTE
SARCÁSTICA	HERMÉTICA	PROVOCATIVA
AMARGA	SATÍRICA	PROVOCATÓRIA
SINCOPADA	LIBÉRRIMA	CHAPLINIANA
SÉRIA	DESENCANTADA	PANTOMÍMICA
TENSA	COLÉRICA	ECUMÊNICA (NAVA, 1985, p. 174).

Com esses adjetivos, Nava faz uma síntese das opiniões críticas sobre a obra de Drummond já apresentadas até aquele momento. Para fazer tal síntese, diferentemente do que lhe é próprio, a descrição caudalosa, a profusão de elementos desdobrados, uma espécie

de hipérbole formal, verificada em outros momentos da apropriação de obras de outrem, Nava é, sim hiperbólico nos adjetivos usados, mas contido na forma, o que nos faz crer que o memorialista procura trazer para a passagem de *Beira-mar* sobre a obra do poeta, a ideia de contenção própria da poesia de Drummond. A síntese a um só tempo acumula elementos, como é próprio de Nava, mas cria vazios e elipses, traços estéticos constantes na poesia drummondiana.

3 DRUMMOND FALA DE NAVA

Poeta e crítico, Drummond volta-se para a obra de Nava não com o olhar condescendente do amigo, mas com a acuidade do leitor atento e o rigor do analista exigente. Em seu “Baú de surpresas”, Drummond destaca elementos essenciais para o estudo e compreensão da atitude criativa de Pedro Nava. O poeta salienta o fascínio que a escrita de Nava pode proporcionar aos leitores e anuncia o que sai do “Baú” de Nava. No primeiro parágrafo da apresentação de *Baú de ossos*, Drummond salienta elementos fundamentais que serão cuidadosamente estudados pela crítica especializada na obra de Nava. Além de registrar a capacidade de presentificar os mortos, Drummond salienta o modo como o memorialista constrói as dimensões temporais de suas Memórias. O olhar agudo do amigo, leitor e crítico percebe e dá destaque à engenharia temporal proposta por Nava (dois passados se justapõem), a arqueologia familiar realizada por ele que, ao escavar a memória, encontra elementos de seus antepassados e os recria, em uma sutura temporal surpreendente.

Esses traços estilísticos de Nava trazem às *Memórias*, segundo Drummond, ao se referir ao primeiro volume, *Baú de Ossos*, a capacidade de transformar sua crônica individual em panorama social de diferentes regiões do Brasil e de fazer de Minas um ponto de entrelaçamento de famílias cujas raízes se encontram em clãs do Nordeste. Drummond considera, ainda, que “é o Brasil de ontem, com sua estrutura doméstica e as decorrências públicas dessa formação, que vemos projetar-se nas páginas saborosas” de Nava. Drummond acentua, portanto, nesse trecho, a natureza individual e coletiva das memórias de Nava e sua capacidade de “mostrar os aspectos mais universais nas manifestações mais particulares”.

Entre as surpresas percebidas por Drummond, em *Baú de ossos*, encontram-se o talento do memorialista para o desenho e a relevância desse talento na composição da obra. Nesse sentido, o poeta lembra que Nava é um pintor bissexto porque não quis sê-lo contumaz. Drummond considera que Pedro Nava derivou, para a forma verbal, seu talento especial no desenho dos retratos. Um retrato que parte da sutil captação do traço físico definidor para a revelação psicológica. O artista plástico de singular sensibilidade afirma-se como tal ao desenhar com palavras rostos, paisagens, ou até mesmo simples pertences domésticos.

Em *Balão cativo*, segundo volume das *Memórias*, Drummond continua sua apreciação sobre a memorialística de Nava por meio do poema “Pedro Nava a partir do nome”. Na elaboração do poema, Drummond se concentra nas diferentes acepções da palavra “nava”, que transita no poema como substantivo comum e próprio. Nesse percurso, o poeta faz uma

pesquisa arqueológica dos usos dessa palavra, recupera e condensa em versos elementos históricos e estéticos ligados a ela.

Na primeira estrofe, predomina o sentido geográfico do termo, pois se atribui à nava seu sentido primeiro: planície cercada de montanhas, planície vasta e chã, o que incrusta o memorialista e seus ancestrais na toponímia de Minas Gerais. Ao mesmo tempo, o poeta evoca as batalhas ocorridas em diversas navas, como as de Oviedo e de Tolosa, inserindo, nos territórios próprios do Brasão dos Nava, as guerras de cruzada, a paisagem da Ponte de Nava e de Nava del Rey, o que remete o leitor à Itália e à Espanha, lugares ancestrais da família Nava.

Drummond ressalta, assim, a Europa e suas guerras em paisagens ibéricas, romanas e helênicas, ao repetir modificado e condensado, o que o memorialista realiza em dois capítulos de *Baú de ossos*: em “Setentrião”, primeiro capítulo, Nava refaz a genealogia paterna, destacando seus ancestrais italianos, e em “Caminho Novo”, conta a genealogia da família materna, recriando seus antecedentes ibéricos.

Na segunda estrofe, o poeta apresenta outras variantes da palavra nava, em seus significados e constituição sonora: Navarre, navajos, navarrete, navio. O poeta superpõe à história de Nava a dos estudantes do Colégio de Navarre (Richelieu e Bossuet), à destruição dos povos indígenas pelas guerras de colonização na América do Norte (navajos) e resume a genealogia de *Baú de ossos* nos oito versos finais dessa estrofe, anunciando a viagem do clã do memorialista pelas navas de diferentes lugares, pelos mares, serras e cerrados até aportar em Juiz de Fora, dando à palavra nava o significado ligado a navio, nave e, implicitamente, navegar.

Na terceira estrofe, o poeta dá à palavra nava novo sentido e, mais uma vez, de forma condensada, apresenta os recursos artísticos do escritor de Juiz de Fora: o verso, o desenho, a arqueologia da língua. Para Drummond, o memorialista navega pelas diferentes origens de sua família, nas diferentes formas de expressão, nos diferentes mares da criação.

Na continuidade do poema, Drummond apresenta as tendências poéticas do amigo memorialista e salienta sua ligação com a poesia e a prosa, seu mergulho nas águas da memória, e, tal como já o fizera no prefácio de *Baú de ossos*, destaca a natureza universal e cultural das memórias de Nava. Ressalta, ainda mais, o gesto de memória como o que tira das cinzas, o que faz renascer. O poeta lembra que o memorialista “recolhe e grava” o retrato do Brasil. No dístico final, sabe-se que o memorialista está entrando nos seus 70 anos, tempo da publicação de suas Memórias.

Por esse poema, Drummond explicita, mais uma vez, elementos da poética de Nava ao registrar sua capacidade de recriar o vivido, de construir sua genealogia, de realizar uma arqueologia familiar, e registrar sua natureza múltipla. E mais, ao escolher a composição das palavras por justaposição, Drummond parece mimetizar uma forma própria do estilo de Nava: o acúmulo de elementos e a formação de palavras novas como o memorialista faz em “cervejamiga” e “Navícula”. O poeta se mostra leitor da obra do amigo memorialista e conhecedor de seus processos de criação. Isso também se evidencia com a insistência no trabalho

de aliteração, a variedade de sentidos desenvolvidos no poema, a quantidade de elementos trazidos para a composição do nome Nava.

CONCLUSÃO

Se comparados os estilos apresentados pelos dois escritores em suas obras memoria-lísticas, enquanto Carlos Drummond de Andrade, em *Boitempo*, imprime a dissolução e a desintegração das palavras, dos ritmos, dos tempos, das métricas, proporcionando a decomposição completa do passado, estilizando-o; Nava, por sua vez, está ocupado, em seus 6 volumes das *Memórias* em escrever, desenhar, reescrever, fotografar, de forma a agregar os diferentes pedaços, colá-los, recompor o mosaico da memória — tarefa que ele mesmo sabe ser impossível de se cumprir integralmente.

Essas são, portanto, formas diferentes de lidar com o passado: Nava, formalizando sua escrita, na tentativa de não permitir que o vivido se decomponha, e Drummond, que busca conhecer o passado para se situar no presente, já convivendo com o fatal esquecimento e a inexorável desfiguração dos rostos, dos lugares, das imagens.

O poema e o prefácio aqui referidos, retirados do baú poético de Drummond e as citações a Drummond aqui reunidas, extraídas da obra de Pedro Nava, procuram oferecer aos leitores uma noção da relação fraternal vivida por eles. Sobretudo, dão realce ao modo como ambos, ao escrever a leitura da obra do outro assumem, em determinadas situações, a poética do outro. Nava, ao elaborar suas memórias fotográficas as compõe com versos e crônicas de Drummond. A exaustiva inclusão de Drummond na obra do memorialista gerou nas *Memórias* um grande paradoxo: a figurabilidade alcançada mesmo por meio da utilização de textos literários que se pautam pela desfiguração, pela lacuna, pelo inconcluso, pelos “cacos e hiatos”. Isso torna-se possível pela forma como o memorialista executa esse procedimento. Conhecendo as obras que cita, tendo-as deglutido uma a uma, devolve-as transformadas, conseguindo realizar uma escrita completamente diferente daquela que teve como referência, a de Drummond. Drummond, por sua vez, ao referir-se à obra do amigo Pedro Nava, salienta as escolhas estilísticas da poética do memorialista: a lida com o tempo e a memória, a capacidade de recriação dos traços, a construção da genealogia, a universalidade das *Memórias*, o alcance cultural delas e o destaque para a multidão de mortos que são recriados por Pedro Nava, de maneira, por vezes, cinza, por vezes, sutil, mas sempre refinada. Drummond não só explicita e reverencia a figura múltipla de Pedro Nava como médico, poeta, memorialista, pintor e desenhista, mas também assume perspectiva crítica diante da obra de “cadências modernas”, aguda, exata e surpreendente do seu “querido” Nava ao mesmo tempo que exercita a mimetização de formas próprias do estilo de Nava: o acúmulo de elementos e a formação de palavras novas como o memorialista faz. Essa apropriação estilística mútua é amizade, é respeito a arte do outro é, igualmente, gesto criativo antropofágico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. *Pedro Nava, Leitor de Drummond: a memória, os retratos, a leitura*. Campinas, Campinas, Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. Drummond e seu baú de surpresas. In *Revista Araticum*, v.16, n.2, 2017.

NAVA, Pedro. *Balão cativo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NAVA, Pedro. *Beira mar*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.